

OLGA BENARIO PRESTES¹

(Munique, Alemanha, 1908; Ravensbrück, Alemanha, 1942)

e

ANITA LEOCADIA PRESTES

(Prisão de Barnimstrasse, Berlim, Alemanha, 1936)



Olga Benario, aos 20 anos.

Acervo: A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

¹ Relato concedido por Anita Leocadia Prestes, filha de Olga Benario Prestes e Luiz Carlos Prestes, ao jornalista e escritor Pablo Villarrubia Mauso, durante várias entrevistas realizadas no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, em 24 de julho de 2015, e em Madrid, por telefone, em 15 de agosto 2018. Pablo Villarrubia Mauso é doutor em Ciências da Informação pela Universidade Complutense de Madrid (Espanha). Transcrição e Transcrição: Pablo Villarrubia Mauso. Pesquisa complementar/boxes: Tucci Carneiro. Arqshoah/Leer-USP.

A família Benario

Meu nome é Anita Leocadia Prestes, filha de Olga Benario ou Olga Benario Prestes, comunista e ativista alemã de origem judaica, e de Luiz Carlos Prestes, conhecido internacionalmente pela Coluna Prestes e pela criação do Partido Comunista Brasileiro. Nasci no dia 27 de novembro de 1936, na prisão de mulheres da *Gestapo*, em Berlim, no prédio número 15 da Barnimstrasse, onde, duas décadas antes, esteve reclusa Rosa Luxemburgo.

A história da minha vinda ao mundo é complexa e farei um resumo ao longo desta entrevista. Sobre minhas origens familiares relacionadas com a minha família alemã, não existe muita informação. Felizmente, graças à socióloga alemã Anna-Jutta Pietsch Moritz, da cidade de Munique, já falecida, eu soube algo sobre os Benario. Anna, que falava português, estudou a perseguição das famílias judias da sua cidade pelos nazistas.

Minha avó materna, Eugénie Gutmann Benario, era filha de banqueiros, muito conservadora, da burguesia alemã. Em fevereiro de 2008, Anna-Jutta me levou até a prefeitura de Munique para um evento em homenagem ao centenário de nascimento da minha mãe, e também visitamos um prédio de apartamentos, outrora luxuoso, que pertencia a Eugénie, e que havia sido apropriado por Hitler. Em compensação, o marido dela, o meu avô materno, Leo Benario, era um advogado trabalhista social-democrata e progressista. Era um homem muito solidário com os trabalhadores dos anos 1920, e isso foi um dos fatores que influíram na vida de sua filha Olga para lutar pelas causas sociais. Ela, de pequena, ia ao escritório do pai onde conheceu aqueles operários e se sensibilizou com suas histórias de vida. Além disso, Leo Benario tinha uma boa biblioteca, e minha mãe, Olga, passava horas lendo aqueles livros.

O meu avô atendia muitos trabalhadores que não tinham dinheiro e fazia a defesa deles nos tribunais de forma gratuita, e somente cobrava daqueles que podiam pagar. Essa atitude impressionou positivamente minha mãe que, como veremos mais tarde, apesar do afastamento da casa dos pais, manteve contato epistolar, esporádico, somente com o pai. Uma das vezes que fui a Munique, em 1993, conheci Rola Sachsberger, uma senhora que tinha sido secretária do meu avô, então juvenzinha, com 15 anos: ela já morreu. Ela me

confirmou que Leo era uma pessoa muito solidária, atenciosa e não pedia dinheiro se a pessoa fosse pobre.

Os pais do meu avô eram de uma cidadezinha perto de Munique e faleceram possivelmente antes do início da Segunda Guerra Mundial. Meu avô, Leo, aparentemente faleceu de um ataque cardíaco em 1933, logo depois da ascensão de Hitler ao poder. Ele devia ter entre 50 e 60 anos. De acordo com Anna-Jutta, os Benario eram de origem sefardita, comerciantes, procedentes da expulsão dos judeus da Espanha. Existe Benario em muitos países: Brasil, Inglaterra, Canadá e Israel, por exemplo.

Em 1943, minha avó, Eugénie Gutmann Benario, e o filho dela, meu tio, Otto Gutmann, foram mandados para campos de concentração. Ela foi para a Tchecoslováquia, para o campo de Terezín, perto de Praga, e ele para o de Auschwitz. Otto era oito anos mais velho que a minha mãe e nasceu em 1900. Ouvi falar que ele participou da Primeira Guerra Mundial e ficou com problemas mentais, mas não tenho muita certeza.

A missão de Olga Benario

Minha mãe, Olga Benario, nasceu em Munique, no dia 12 de fevereiro de 1908, e com 15 anos, em 1923, ingressou no movimento comunista para formar parte da Liga Juvenil Comunista da Alemanha dentro do Partido Comunista Alemão. Então, por causa dos conflitos em casa, especialmente com a mãe, que não aceitava que a filha fosse comunista, ela partiu para Munique onde conheceu um militante também do partido, o jovem intelectual Otto Braun, pelo qual se apaixonou e viajaram juntos para Berlim.

Minha mãe passou a morar no bairro trabalhista de Neukölln. Constantemente os comunistas brigavam com grupos de extrema-direita do bairro vizinho, Kreuzberg. Mas um dia, por conta da militância, ela foi presa pelas autoridades, assim como o namorado, Otto Braun. Ela foi solta, mas Otto permaneceu numa cadeia de alta segurança, a de Moabit. Com outros companheiros da Liga Juvenil, ela elaborou um plano para libertar o namorado. A ação foi um sucesso, em estilo cinematográfico, e ambos fugiram para a União Soviética. Ela acabou acolhida no seio da Internacional Comunista em Moscou como uma verdadeira heroína pela libertação de Braun e começou a receber treinamento militar

e político proporcionado pelo governo. A capacidade para aprender idiomas e a intensa militância contribuíram para que, em dezembro de 1934, a própria Internacional Comunista a escolhesse para viajar com Luiz Carlos Prestes ao Brasil, então militante do Partido Comunista Brasileiro no exílio que morava em Moscou. Nesta época ela já estava separada de Otto Braun. A missão de Olga era acompanhar Prestes ao Brasil para protegê-lo, como escolta.

Durante a viagem, Olga e Luiz Carlos levavam passaportes falsos e se apresentavam como marido e mulher em lua de mel. Pedro Fernandez era o codinome de meu pai, como espanhol; e Olga Sinek, de minha mãe, como estudante russa. Porém, logo se apaixonaram e, quando chegaram ao Rio de Janeiro, estabeleceram-se de forma que não fossem perseguidos ou reconhecidos. O Prestes estava preparando um levante antifascista para afastar Getúlio Vargas do poder, mas o plano fracassou, e ele e Olga acabaram na prisão no ano seguinte, em 1936. A partir de então, separados, o casal nunca mais voltou a se ver.

Prisão e extradição de Olga Benario



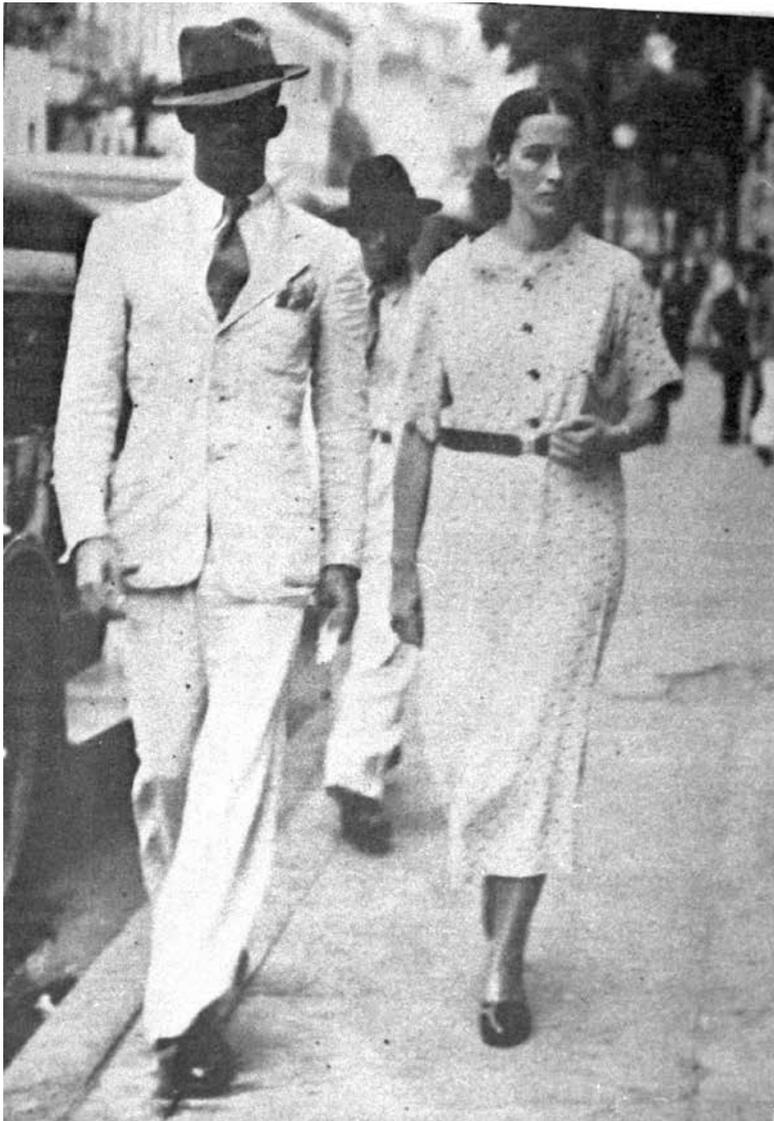
Olga e Prestes ao serem presos no Rio de Janeiro, 5 de março de 1936.

Arranjo fotográfico. Acervo: A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Minha mãe já estava grávida de mim, de sete meses, quando foi para a cadeia. O governo brasileiro ainda não conhecia a verdadeira identidade de Olga: ela disse que era Maria Prestes e ponto final. Nem sequer mencionou a nacionalidade. Mas o governo de Getúlio Vargas, por intermédio de Filinto Müller, que era chefe da Polícia Política, entrou em contato com o embaixador brasileiro na Alemanha, Muniz de Aragão, que era pró-nazista. Foi ele quem contatou os serviços de inteligência e a *Gestapo*, que estava bem organizada. Com os dados enviados do Brasil, descobriram a verdadeira identidade de Olga: eles tinham fotos, impressões digitais e outros dados para comparar.

Olga Benario Prestes e Anita Leocadia Prestes

O governo de Getúlio estava interessado em castigar o meu pai com a prisão da minha mãe que estava grávida. A tortura física seria algo muito escandaloso, repercutiria muito na opinião pública mundial, pois, naquela época, Prestes tinha muito prestígio. Se ele fosse torturado fisicamente como foi Arthur Ewert^A, o alemão que também foi preso, isso teria uma repercussão negativa muito grande para Vargas.



Olga Benario sendo conduzida por policial para ser interrogada na Polícia Central. Rio de Janeiro, 1936. Acervo: A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

A-Arthur Ernest Ewert nasceu em Heinrichswalde, na Alemanha, em 30 de novembro de 1890 e morreu em Berlim, em 3 de julho de 1959. Ficou conhecido no Brasil como Harry Berger, militante comunista internacional ligado ao Comitê Executivo da Internacional Comunista (Ceic), no qual desempenhou funções no escritório do *Comintern* da América Latina, em Buenos Aires. No final de 1934, Harry Berger e a esposa Elisabeth Saborowsky Ewert (conhecida como “Sabo”) vieram ao Brasil para organizar a revolução antifascista de 1935, rotulada pelo governo Vargas de “Intentona Comunista”. O casal foi preso e barbaramente torturado, por ordens de Filinto Müller, chefe do Departamento de Ordem Política e Social (Dops). Em 1937, Berger foi condenado a 13 anos de prisão. Em 1947, foi autorizado a deixar o Brasil e voltou para a Alemanha. Mentalmente devastado pelos maus-tratos sofridos na prisão, passou o resto de sua vida num hospital psiquiátrico.

A tortura foi psicológica, com a extradição da minha mãe para a Alemanha. Não houve petição formal de extradição. O Supremo Tribunal Federal negou o *habeas corpus* pedido pelo advogado de defesa dela, Heitor Lima. Pela legislação brasileira, não poderia ser expulsa do Brasil, mas as leis foram desobedecidas.

Em 2015 fiquei sabendo que os arquivos da *Gestapo* em Moscou haviam sido abertos. Então descobri um extenso volume de documentação sobre minha mãe, oito dossiês com pouco mais de dois mil itens, como cartas, telegramas, anotações e fotografias – o maior conjunto de informações dedicado a uma só pessoa pela *Gestapo*. No meio desse acervo, havia um relatório detalhado sobre Olga enviado a Heinrich Himmler em agosto de 1937 que afirma que ela era uma “comunista perigosa e obstinada” e que “durante o interrogatório realizado não relatou nada sobre sua atividade comunista”. O fato de esse relatório ter chegado às mãos do poderoso Himmler mostra a importância que Olga tinha para o governo nazista. Ela sempre repetia: “se outros se tornaram traidores, eu jamais o serei”.^A

A partir desse material, escrevi um livro intitulado *Olga Benario Prestes: uma comunista nos arquivos da Gestapo*, lançado em 2017, com muitas novidades. Por exemplo, não se sabia que o passaporte emitido pela embaixada alemã no Rio de Janeiro, em setembro de 1936, não tinha a assinatura de Olga, pois ela se recusou a assiná-lo. Nesse passaporte, que estava nesses arquivos da *Gestapo*, também aparece a assinatura de Filinto Müller mostrando sua total implicação na extradição da minha mãe. Sem esse passaporte ela não poderia viajar à Alemanha. Além do mais, as autoridades

A-“Estou de pleno acordo com as decisões tomadas, foram absolutamente necessárias em função da conhecida esperteza dessa comunista fanática. Benario se encontra em prisão preventiva e não em um sanatório, em virtude de não ser politicamente confiável, o que já se provou evidente. Benario terá de arcar com medidas mais rígidas e com a revogação dos benefícios, caso não se esforce em evitar comportar-se de modo insolente.” Essa citação foi extraída de uma carta de Reinhard Heydrich, oficial-chefe da Polícia de Segurança do *Terceiro Reich*, datada de fevereiro de 1938, enviada ao diretor da prisão feminina em Berlim onde se encontrava Olga Benario, referindo-se à “insolência” dela porque a filha, Anita Leocadia Prestes, havia sido arrebatada dela com 14 meses de idade sem maiores explicações. Essa carta consta no acervo de Anita Leocadia Prestes.

brasileiras sabiam que Olga estava grávida de uma criança que deveria ter a nacionalidade brasileira por parte do pai, Luiz Carlos Prestes, mas não reconheciam a paternidade.^A

O senador Filinto Müller foi expulso da Coluna Prestes e faleceu em 1973, em um acidente de avião em Paris. Em Mato Grosso, onde nasceu, Müller é considerado uma grande figura, tem até um busto em uma praça e uma placa na casa onde morou. Um jornalista alemão que esteve aqui há pouco tempo ficou escandalizado com o fato de Müller não ter sido julgado por seus crimes. Houve a anistia, e os responsáveis pelas torturas ficaram impunes. O incrível é que, depois da ditadura de Vargas, Filinto Müller foi reeleito várias vezes como senador da República.

Berlim: prisão de Barnimstrasse

Em setembro de 1936, o governo brasileiro embarcou Olga rumo à Alemanha, vigiada de perto por dois agentes do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), dirigido por Filinto Müller.^B Ela estava no sétimo mês de gravidez. Quando chegaram lá, no dia 18 de outubro, ela foi entregue às autoridades e encarcerada na temida prisão de mulheres da *Gestapo*, no número 15 da Barnimstrasse de Berlim. Então, a minha avó paterna, Leocadia Prestes, e a filha dela, minha tia, Lygia Prestes, iniciaram uma campanha para libertar meus pais e o bebê que iria nascer, possivelmente, na prisão de Berlim, ou seja, eu. Elas viviam, naquela época, em Moscou e partiram rumo a Paris para procurar um advogado francês famoso que poderia ajudá-las. O jurista

A-Olga Benario, esposa de Luiz Carlos Prestes, foi deportada para a Alemanha no mesmo navio em que estava Elise Ewert, mulher de Arthur Ewert. O decreto de expulsão do país de Olga Benario foi assinado em 27 de agosto por Getúlio Vargas, que desprezou a gravidez e o casamento com um brasileiro, situações que lhe garantiriam a permanência no país. Filinto Müller já havia combinado com oficiais da *Gestapo*, a Polícia Política alemã, que ela seria embarcada num navio que seguiria direto para Hamburgo (Alemanha), evitando assim que militantes antifascistas a resgatassem em algum porto no caminho, como havia acontecido anteriormente com a romena Genny Gleiser. No dia da deportação, Olga e Elise foram levadas à força da Casa de Detenção para o navio La Coruña. Menos de um mês depois, no dia 18 de outubro, foram entregues à *Gestapo*. Nas prisões nazistas, assim como acontecera no Brasil, Elise foi barbaramente torturada, e Olga deu à luz a menina Anita, em novembro de 1936. Em 1938, Olga e Elise foram transferidas para o campo de concentração de Lichtenburg, onde Elise ficaria ainda mais debilitada pela fome, pelo frio e pelos trabalhos forçados. Elise morreu de tuberculose em Ravensbrück aos 32 anos.

B-A entrega de Olga Benario Prestes à *Gestapo* e o assassinato dela no campo de concentração de Ravensbrück devem ser entendidos como mais um ato de colaboracionismo do governo de Getúlio Vargas. Os ofícios sob a guarda do Arquivo Histórico do Itamaraty comprovam que o embaixador brasileiro Muniz de Aragão, sediado em Berlim entre 1935 e 1938, agiu de comum acordo com as orientações do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Muniz de Aragão foi o responsável pelo fornecimento das informações disponibilizadas pela *Gestapo* sobre Harry Berger (Arthur Ernest Ewert) e Olga Benario Prestes. Um ofício expedido por Aragão ao chanceler brasileiro José Carlos de Macedo Soares informava a atuação de Olga Benario na Alemanha. Declarou-se também “vigilante ao serviço de vistos em passaportes de judeus que se destinavam aos portos brasileiros” (Arquivo Histórico do Itamaraty, ofício de 24 de abril de 1936).

François Drujon estava bem relacionado na Alemanha com outros juristas e incumbiu-se de negociar a minha entrega pelas autoridades nazistas à minha avó.

Enquanto isso, no Brasil, um prestigioso advogado, Heráclito Fontoura Sobral Pinto, anticomunista, mas um grande liberal, foi nomeado para ser o advogado de defesa do meu pai. Ele foi muito combativo e teve uma relação quase de amizade com meu pai. Eles se respeitavam mutuamente. Heráclito era um dos grandes expoentes da Igreja Católica, um dos dirigentes da Ação Católica, uma pessoa culta e conhecedor do marxismo, com uma das maiores bibliotecas do Rio de Janeiro sobre os movimentos de esquerda. Para ele a lei tinha que ser respeitada.

Uma das maiores ajudas dele foi em relação ao meu caso: meus pais não eram casados legalmente, estavam com documentos falsos, e os comunistas, na época, não se casavam oficialmente. Diante disso, lá em Berlim, a *Gestapo* não queria reconhecer a minha avó como família de meu pai. Isso era um problema para conseguir o meu resgate. Era importante que meu pai fizesse um atestado de paternidade, mas ele estava preso, sem comunicação. Foi aí que o Sobral Pinto conseguiu levar um tabelião à prisão, e meu pai fez esse atestado. Sobral fez o reconhecimento de firma, tradução juramentada, toda essa parte burocrática e mandou para a *Gestapo*. Isso foi fundamental para que a minha avó pudesse me resgatar. Sem esse documento a *Gestapo* não a reconhecia como parente minha, ou seja, como sua futura neta. Nesse sentido, Sobral Pinto se considerava o meu segundo pai. Depois ele defendeu vários membros da família, inclusive a mim mesma quando fui processada, anos mais tarde. Ele era um homem muito independente e exigiu que a lei fosse cumprida.

Mulheres fortes

Uma importante campanha pelo meu resgate e a libertação dos meus pais foi organizado pelo Comitê Prestes em Paris. Minha avó Leocadia estava à frente das atividades promovidas com o envolvimento de Sobral Pinto.

Leocadia e Lygia, já em Paris, em março de 1936, foram, em maio, para a Espanha republicana, onde havia um interesse e entusiasmo muito grandes pela nossa causa. Houve grandes comícios na praça de touros de Madrid, além de manifestações gigantescas em

várias cidades, como Oviedo, com personalidades que as apoiavam, assim como os meios de comunicação, tudo isso em menos de um mês. Elas estavam sem passaportes brasileiros e saíram clandestinamente de Moscou, com os passaportes vencidos, pois, naquela época, não havia embaixada brasileira na cidade.

A embaixada do Brasil em Madrid estava sendo reticente em renovar os passaportes da mãe e da irmã de Luiz Carlos Prestes, e houve uma manifestação gigantesca para exigir isto. A massa ameaçava invadir a embaixada brasileira, e, em poucos minutos, as duas receberam os passaportes. Elas ficaram em um hotel, e muitas mulheres iam visitá-las, solidárias, com flores e outros presentes. Era tanta gente que organizaram um plantão em outro lugar para receber essas pessoas, para não perturbar o hotel.

Depois voltaram para a França. Logo foram para a Inglaterra, e a campanha organizada pelo Comitê Prestes se espalhou. Minha avó, minha tia e delegações de senhoras da Inglaterra e Bélgica foram até mesmo a Berlim, à *Gestapo*, fazer pressão para ver minha mãe, mas nunca conseguiram. Essa campanha emocionou a opinião pública, principalmente no meu caso, o de uma criança pequena, que corria o risco de ser entregue a um orfanato nazista depois de ser desmamada na cadeia. A criança perdia o nome e virava um número. Houve muitos casos assim. E depois, como os pais iam localizá-las? Esse era o grande pavor de minha mãe e da família, e que mobilizou a opinião pública.

Elas eram mulheres fortes. Minha avó era uma pessoa de muita coragem e minha tia Lygia também, pois tinha somente 22 anos quando foi a Paris. Minha avó procedia de família aristocrática e falava francês, e o meu pai também. Minha avó sempre se interessou por política e apoiou o filho, mas tinha mais de 60 anos e, naquela época, já era uma pessoa idosa, doente, sofria de pressão alta, e deveria viajar pelo mundo fazendo comícios, dando entrevistas, e não estava acostumada a isso. Leocadia só soube do meu nascimento depois de três meses, em março de 1937.

No arquivo da *Gestapo* de Moscou, descobri documentos que revelavam que a campanha da minha avó e da minha tia incomodava demais o governo alemão. E chegavam cartas, especialmente da Europa e dos Estados Unidos, pedindo a libertação de Olga e, logo, a minha. Havia cartas enviadas diretamente a Hitler e Himmler, escritas por muitas personalidades de vários países. Curiosamente a *Gestapo* registrava tudo por escrito, inclusive situações que

depõem contra eles, pois não imaginavam que esses arquivos fossem parar em mãos alheias. A verdade é que eles estavam irritados com aquela campanha internacional.

O fato de eu ser um bebê emocionava a opinião pública, mais que o caso de Olga, pois nem todo mundo gostava dos comunistas. Nos documentos consultados dos arquivos em Moscou, consta que eles tinham grande preocupação de que eu fosse entregue em bom estado de saúde, isso me favoreceu muito. Eles permitiram que minha avó e Lygia, que estavam em Paris, mandassem a Olga pacotes de 20 quilos com gêneros alimentícios, especialmente aqueles que não exigiam cozimento, como geleia, doces ou chocolate. A *Gestapo* roubava alguma coisa, mas, no geral, chegavam. Olga estava perdendo leite, porém, com essa alimentação suplementar, ela pôde me amamentar durante um ano, e eu era uma criança com saúde. Eles facilitaram essa situação para que outros países não criticassem o Estado alemão.

O resgate da pequena Anita

Chegou um dia, em janeiro de 1938, em que a *Gestapo* resolveu me entregar à minha avó Leocadia. Foi um dia terrível para Olga, pois ela achava que eu seria entregue a um orfanato. Antes disso, eles consultaram a minha outra avó - Eugénie Gutmann, mãe de Olga, mas ela não quis saber de mim. A Eugénie uma vez dizia não reconhecer a filha havia muitos anos por ser comunista e que achava que essa neta era uma indesejável. Leocadia foi várias vezes, acompanhada da delegação de mulheres de vários países, até a casa da Eugénie para conversar com ela, e não foram recebidas: simplesmente não queria saber nada da filha nem da neta. E as mandou embora. Nas cartas para minha família, Olga tinha pavor de que eu fosse parar nas mãos da família dela.

Muitos dias se passaram até Olga saber que fui entregue à Leocadia. Deve ter sido um sofrimento atroz para ela. A explicação da *Gestapo* é que eles tinham receio de que, se Olga soubesse o dia em que eu seria entregue à minha avó, ela pudesse esconder alguma mensagem na minha roupa de criança. Quando chegou a Paris, minha avó, imediatamente, mandou um telegrama para Olga dizendo que eu tinha chegado bem, mas a *Gestapo* demorou três ou quatro dias para entregá-lo.

Há um depoimento gravado de Lygia no YouTube, feito nesta sala aqui do meu apartamento, para a TV Senado. Nele os entrevistadores perguntaram a Lygia como era o clima existente

em Berlim. Ela dizia que era de profundo pavor, pois eu fui entregue a elas sem nenhum documento, nada que provasse minha relação familiar. Eu somente possuía um passaporte onde estava escrito “Anita Benario”, ou seja, sem nenhum sobrenome que nos relacionasse. Em pleno nazismo, elas tinham que tomar um trem de Berlim até Paris. Elas foram me buscar pela manhã, e o trem saía à noite. Lygia falava de horas de tensão. Percebia-se que havia agentes, e eles pediram os documentos. Resmungaram, mas nos deixaram passar pela fronteira. A própria *Gestapo* tinha interesse em se livrar de mim, pois eu era motivo de muito barulho midiático. Do lado francês não houve problema nenhum.

Depois, já comigo, foram ao consulado dos Estados Unidos em Paris para pedir um visto, a fim de que pudessem entrar naquele país e continuar com a campanha pela libertação dos presos políticos, mas o embaixador negou. Nem visto de trânsito quis dar para uma escala, de barco, até o México. Tivemos que esperar outro navio que ia direto para o México, sem escalas.



Documento de identidade concedido a Anita pela *Gestapo*, na ocasião da sua entrega a Leocadia, em janeiro de 1938. Como as autoridades da Alemanha nazista não reconheciam o casamento de Olga com Prestes, não constam no documento os nomes de Prestes e Leocadia.

Acervo: A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Pela libertação de Anita Leocadia



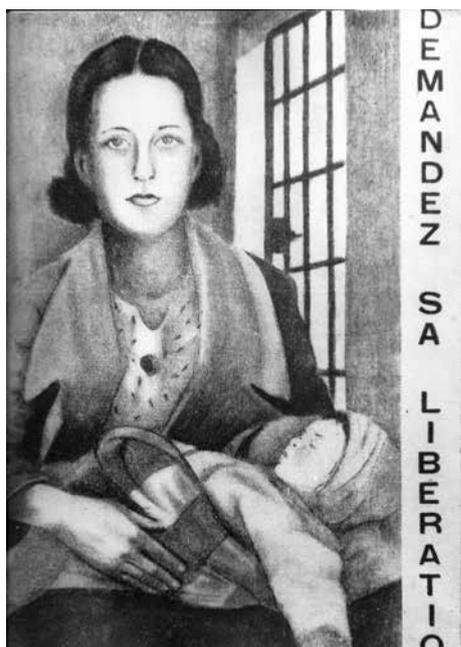
Anita Leocadia e a avó Leocadia. Paris, 1948.
Acervo: A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP.



Comício organizado pelo comitê antifascista pela libertação de Anita Leocadia. Praça de Touros, Madrid, s.d.
Acervo: A. L. Prestes; Arqshoah/Leer-USP.



Cartazes denunciam o terror do governo Vargas contra Luiz Carlos Prestes e Olga Benario. Acervo: A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP.



Cartão-postal da Campanha Prestes distribuído na França e em outros países da Europa exigindo a liberação de Olga e da filha Anita Leocadia Prestes em 1936.

Acervo: A. L. Prestes;
Arqshoah/Leer-USP.

Tempo de espera: México

Na época, o México era governado pelo general Cárdenas, que abrigava todos os perseguidos políticos, incluídos muitos espanhóis e alemães antifascistas. Os próprios mexicanos eram muito solidários. As primeiras lembranças naquele país eram de minha avó na casa onde morávamos com Lygia. Na sala da nossa casa, havia duas fotos grandes na parede: uma da minha mãe e outra do meu pai. E toda noite me despedia deles, executava esse ritual. Minha avó e minha tia faziam questão de que eu soubesse quem eram eles, com uma linguagem simples. Depois que minha avó morreu, havia gente que achava que Lygia deveria assumir o papel de mãe, mas ela nunca quis isso, não queria que eu a chamasse de “mãe”. Ela dizia: “Você tem mãe, e, no dia em que ela voltar, vou entregar você para a sua mãe e seu pai”. Isso não aconteceu, e, na prática, ela foi a minha mãe.

Havia aflição pelas cartas que não chegavam, vivia-se muito em função da correspondência do meu pai, da minha mãe e de notícias das minhas tias e primos em Moscou. Meu pai escrevia cartas, e elas liam para mim até eu me alfabetizar, aos 7 anos, e, a partir daí, eu também escrevia para ele. Elas enviavam cartas, a princípio, de Paris e depois do México, inclusive fotos minhas remetidas à minha mãe.^A Ela pedia que mandasse literatura em português para não perder a prática do idioma. Minha avó mandou o romance *Iracema*, de José de Alencar, que a *Gestapo* teve o trabalho de traduzir. Curiosamente ele foi vetado, pois Peri, o personagem principal, era um exemplo de desrespeito à ordem constituída, uma ofensa para o regime nazista.

A-Carta de Olga Benario a Luiz Carlos Prestes, enviada da prisão feminina de Berlim, em março de 1937: “Já se passaram quase quatro meses desde que a pequena Anita Leocádia nasceu. Apesar de eu ter ficado muito doente depois do parto, agora estamos bem, na medida do possível nas condições atuais. Estamos na ala da enfermaria de uma prisão. Eu mesma amamentando a pequena, e por isso ela pode permanecer comigo até quando eu estiver em condições de fazê-lo. Depois de tudo o que passei, é realmente de admirar que nossa filha tenha uma saúde como esta... Vou encontrar forças para aguardar o feliz dia em que novamente estaremos juntos.



Leocadia com Anita e a jornalista argentina Maria Luiza Carnelli.
México, 1940.

Acervo: A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

O assassinato de Olga: de Berlim a Ravensbrück

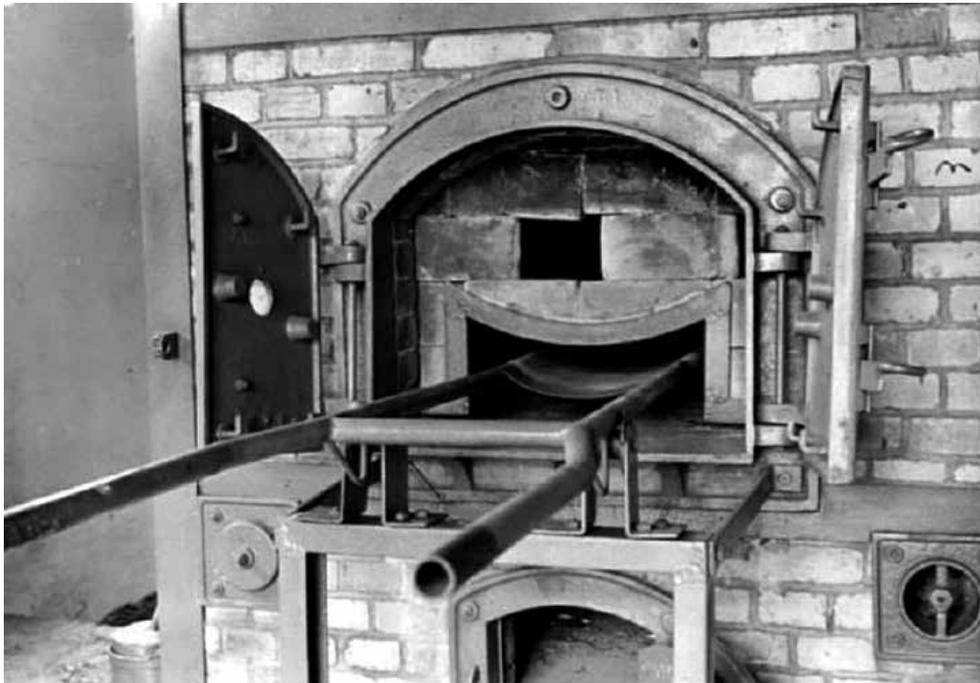
Em fevereiro de 1938, minha mãe foi transferida para o castelo-prisão de Lichtenburg, perto de Prettin, e, em maio do mesmo ano, para o então recém-inaugurado campo de concentração de Ravensbrück, a 80 quilômetros ao norte de Berlim, inicialmente destinado para mulheres.^A O jornalista Fernando Morais, autor da biografia *Olga*, entrevistou várias ex-companheiras da minha mãe e, graças ao fato de elas se falarem com frequência, conseguiu muita informação sobre a vida de minha mãe naqueles campos. Assim, soubemos que havia um intenso trabalho clandestino das presas. Em 2008, a última vez em que fui até Ravensbrück, deram-me uma cópia de um pequeno atlas que ela desenhara, às escondidas, para discutir com as presas a situação internacional. Além do mais, ela organizava com as companheiras estudo de

A-O campo de concentração de Ravensbrück era um campo feminino localizado 90 quilômetros ao norte de Berlim, em Ravensbrück, no município de Fürstenberg (Brandemburgo). Foi construído no outono de 1938 e, em maio de 1939, recebeu centenas de prisioneiras de Lichtenburg, entre elas Olga Benario, tornando-se um grande campo de concentração para abrigar exclusivamente mulheres. Inicialmente, o campo oferecia condições higiênicas e uniformes limpos, mas aplicava punições e trabalho escravo, o que piorou durante a Segunda Guerra Mundial, por causa do número excessivo de prisioneiras. Chegou a abrigar 132 mil prisioneiras oriundas de 23 países, além de centenas de crianças. Estima-se que 92 mil morreram vítimas de fome, fraqueza e execuções. Em março e abril de 1945, a Cruz Vermelha conseguiu libertar milhares de mulheres de Ravensbrück com a concordância do chefe da SS Heinrich Himmler. Em 27 e 28 de abril, as mulheres restantes e que podiam andar foram enviadas para a Marcha da Morte. Em 30 de abril de 1945, o Exército Vermelho libertou o campo de Ravensbrück, onde encontrou somente três mil mulheres muito doentes.

línguas e um jornal clandestino; era uma forma de aproveitar o tempo, ocupar a mente e exercer uma resistência permanente.

O campo de concentração de Ravensbrück





Campo de concentração de Ravensbrück.

Fonte: *The Pictorial History of the Holocaust*, editado por Yitzhk Arad, Yad Vashem, Jerusalém, 1994.

Também tive a oportunidade de conversar, em 2001, com companheiras dela, como Maria Wiedmayer, lá na Alemanha. Anteriormente falei com Nina Haag, cujo marido era comunista e parlamentar no *Reichstag*, que também acabou preso. Em 2008, ela ainda estava viva, com 101 anos, e conviveu com minha mãe no campo de Lichtenburg. Foi no mesmo ano em que se celebrou o centenário do nascimento de minha mãe. Fui convidada pelos grupos antifascistas e pela prefeitura de Munique, a cidade de Olga, e daí fui para Berlim, onde está a Galeria de Arte Olga Benario, que organizou um evento na porta do edifício onde ela morou.

Os documentos da *Gestapo* que consultei mostram, claramente, que eles, em que pese a campanha internacional, não deixariam, jamais, Olga livre, pois a condição que ela nunca aceitou foi revelar detalhes sobre a Internacional Comunista. O cônsul da Inglaterra fez uma petição formal ao governo alemão oferecendo um visto de entrada no seu país; o México dispôs até um navio para ela viajar. Ela não foi assassinada somente porque os nazistas a consideravam judia, mas, principalmente, porque era comunista perigosa e esposa de um importante líder, também comunista, Luiz Carlos Prestes. E ela recebia cada vez mais castigos. A partir de 1939, de vez em quando, era levada de Ravensbrück a Berlim para interrogatórios, onde podia ficar até meses nos calabouços. Os depoimentos que dava durante os interrogatórios eram inventados: dizia que não tinha nada a ver mais com a política, que não era atuante. Ou seja, mentia. Os torturadores não acreditavam naquelas histórias, e, por isso, ela recebia mais castigos.

Torturas como choque elétrico e pau de arara, comuns no Brasil e na Polícia Internacional e de Defesa do Estado (Pide) de Portugal, ela não sofreu. O mais habitual eram espaçamentos, trabalhos forçados e deixar as presas passando fome, além das inúmeras proibições. A minha mãe e outras companheiras exerciam trabalho escravo, inclusive produzindo armamento bélico na fábrica da Siemens. Ela chegou a enterrar outras presas assassinadas. Mas também chegou o dia dela, 23 de abril de 1942, quando foi levada à câmara de gás do campo de extermínio de Bernburg e morreu aos 34 anos de idade com outras 199 mulheres. Nossa família somente soube da sua morte em julho de 1945. O fato de ela ser considerada uma “comunista fanática e perigosa” foi a principal causa de sua morte, embora tenha contribuído o fato de Olga pertencer a uma família judia.

Olga Benario Prestes e Anita Leocadia Prestes



Última foto de Olga Benario tirada pela *Gestapo*, s.d.
Acervo: A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Ravensbrück, 05/11/1941.

Meu querido Carlos.

Recebi tua carta de 12/IX e tenho a imensa satisfação de poder de novo te responder. A idéia da solidão em que vives há quase seis anos já é, de resto, um constante pesadelo que me aflige. Ver-me ainda na contingência de deixar-te por muito tempo sem notícias é indizível tortura. Vejo-te então a caminhar a longas passadas, para um lado e outro. Quem melhor do que eu poderia compreender-te na ansiedade dessas esperas, em que a gente se sente completamente abandonado? Enfim, meu caro, espero que nesse comenos já tenhas recebido minha carta de setembro e que pela sua leitura, como igualmente pela da de hoje, te certifiques de meu perfeito estado de saúde.

Antes de tudo, meus agradecimentos pelas informações que me dás da Anita. Além de me tranquilizarem a respeito da maneira por que vai passando a nossa pequena, elas são uma prova de que sentes tanto quanto eu, fortemente, o que significam para mim todos estes anos perdidos de ventura maternal. Gostaria de ver o retrato de que me falas. E nesse meio tempo já não terá sido suas tranças sacrificadas à tesoura? Neste mês, seu aniversário. Mas, pensando nos grandes sofrimentos de nossa época, mal ousa queixar-me da sorte que nos separa há tanto tempo já da nossa filha. Precisamos ter agora mais paciência ainda. Imagina tu que por aqui já temos neve, e eu penso com saudades no vosso sol brasileiro. Agora a gente trata de concentrar de novo, mais uma vez, todas as energias, pois estamos somente no primeiro de quatro meses mais a vir. Ao nadar, quando se tem de mergulhar para fazer um lanço, toma-se uma inspiração profunda e reflete-se sobre a possibilidade que se tem de vencê-lo. É semelhante o que se passa comigo agora por aqui.

Mas tratemos d'outra coisa. Há dias chegaram-me às mãos, por acaso, algumas citações de Goethe. Jamais compreendera tão bem suas palavras e nunca a linda sonoridade delas me causou tão grande prazer. E isto me faz pensar em Fausto, Prometeu, etc. Aqui vai uma estrofe de outro poeta, mais a propósito para teus estudos de alemão:

"Ein Fichtenbaum steht einsam, im Norden in kahler Hüh'
Ihn sehlfert mit weisser Decke, umgeben ihn Eis u. Schnee
Er trümt von einer Palme, die fern im Morgenland
Einsam u. schweigend trauert, auf brennender Felsenwand." (1)

De resto, meus parabéns pelos teus progressos no idioma, na última carta. Quanto à pronúncia, serão muito menores? Mas para isso acharemos mais tarde de novo um remédio. Não é verdade?

Bem, meu caro, devo desde já, por me parecer em tempo, falar-te de meus íntimos votos pelo 3 de janeiro próximo. Envio-te sentimentos e pensamentos que conheces. A separação só pôde aprofundá-los. Ainda desta vez, só pelo pensamento poderei colocar em tua mesa um ramo de tulipas vermelhas, ou preferes rosas? Envio à Mamãe também minhas lembranças; há muito tempo que nada sei dela. Com todo afeto, beija-te com carinho a tua

Olga.

Observ.: Esta foi a última carta de Olga recebida por Prestes.

- (1) "Um pinheiro encontra-se solitário, no norte, em altã erma,
Ele sente sono, sob cobertura branca, ao redor, gelo e neve,
Ele sonha com uma palmeira que, distante, no oriente,
Está triste e calada, sobre uma rocha ardente."

Última carta de Olga Benario à Prestes. Campo de Concentração de Ravensbrück, 05 nov. 1941. Arquivos da Gestapo. Cópia [datilografada] gentilmente cedida por Anita Leocádia Prestes. Acervo A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP



Foto de Anita enviada por Leocadia a Olga. México, 1941.
Acervo: A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

No inverno de 1961, fui, pela primeira, até Ravensbrück e fiquei impressionada com o monumento erigido pelos comunistas à beira do lago. Então me lembrei de que minha mãe descrevia, nas cartas, aquele lago, e aquela visão me impressionou. Meu pai também esteve no campo, há até uma foto dele durante a visita, em 1959. Logo ele voltaria em outras ocasiões.



Prestes em visita ao antigo campo de concentração de Ravensbrück, hoje museu. Novembro de 1959. Acervo: A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP.



Memorial *in memoriam* a Olga Benario, construído pelo governo da República Democrática Alemã. Museu do campo de Ravensbrück. Acervo: A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP



Cartazes antifascistas: “Vargas junto com Hitler contra o povo brasileiro”, s.d. Acervo: A. L. Prestes/SP; Arqshoah/Leer-USP

Nos documentos da *Gestapo* em Moscou, descobri outro dado inédito: minha mãe, quando foi para Berlim, com 16 anos, dirigiu-se até a sinagoga e assinou um papel renunciando à religião judaica. Quando nasci, embora ela tenha solicitado que eu fosse registrada na embaixada do Brasil como brasileira, o cônsul não quis nem a *Gestapo*. Então fizeram um registro para mim como judia, de religião “mosaica”, de acordo com os documentos. Minha mãe não aceitou e pediu para retirar o termo da religião. Assim, a princípio, eu deveria ser judia, pelo menos no papel, mas

a *Gestapo* conseguiu a documentação da sinagoga e conferiu o que Olga tinha dito sobre sua renúncia ao judaísmo.

Hoje estamos vivendo uma situação mundial difícil com a ascensão da extrema-direita, inclusive no Brasil. Trata-se do neofascismo em várias modalidades. Historicamente, quando há crise do capitalismo, surgem esses movimentos, altamente perigosos. Todos nós deveríamos ter uma atitude firme contra essas tendências.